

Zahidé Machado Neto: uma reescrita da sua história nas Ciências Sociais e nos estudos sobre as mulheres¹

Maiara Diana Amaral Pereira (PPGA\UFBA)

O gênero ao ser visto como dado constitutivo da identidade do sujeito de pesquisa pauta que a identidade do pesquisador sempre implica o privilegiamento, ainda que inconsciente, e que a identidade masculina dos pesquisadores não problematizada dentro da antropologia, implicou a não percepção ou valorização do lugar e participação da mulher na vida social. Franchetto, Cavalcanti e Heilborn (1981) antropólogas feministas que ao afirmarem isso nos mostra ser necessário questionar essa “neutralidade” do gênero nas etnografias.

Londa Schiebinger (2001) afirma que o feminismo foi importante para a presença e história das mulheres nas ciências, fazendo com que a questão de gênero fosse debatida nas diversas áreas do saber, cada uma a partir de suas perspectivas; evidenciando que a ciência não possui um gênero neutro, e que valores foram atribuídos as mulheres, excluindo-as da produção de conhecimento, e que existe uma desigualdade de gênero nessa produção e estrutura acadêmica. Essa ciência não apenas exclui as mulheres, assim como também negros e outras minorias.

Para a autora, entretanto, se faz necessário além de apontar e questionar a ciência como um conhecimento de poucos oferecer novas perspectivas, novos projetos de pesquisas e prioridades, e, a partir dessa perspectiva, guiarei minha pesquisa sobre Zahidé Machado Neto, destacando a grandeza de sua trajetória para as Ciências Sociais e estudos sobre as mulheres sua voz é colocada com agência e não apenas como uma anulação, permitindo assim uma contraposição a “invisibilidade” que já está posta, sendo essa escolha metodológica uma escolha política.

Essa “invisibilidade” permitirá que eu perceba também os jogos de poder na preservação e conservação da memória de Zahidé Machado Neto, que, se por um lado foi esquecida enquanto uma teórica ativa dentro da Universidade Federal da Bahia, temos um arquivo com documentos sobre a mesma, uma sala de aula do programa de

¹ Trabalho apresentado XX REDOR que ocorreu entre os dias quatro a sete de dezembro de 2018

pós-graduação em antropologia e o centro de documentação do *Núcleo de Estudos Interdisciplinar Sobre as Mulheres* (NEIM) que levam o seu nome. Buscarei assim compreender quais as “falas” institucionalizadas sobre a pesquisadora e o que a mesma estava dizendo e entendia sobre classe e mulheres.

Baiana, de Salvador, Zahide Machado Neto, filha de Emílio Torres Timóteo e Noélia de Vinhaes Torres, nasceu em 01 de agosto de 1931 vindo a falecer, ainda muito jovem, no dia 17 de março de 1983, momento esse que se dedicava à sua tese “*Mulher: estrutura de existência e de sobrevivência*” na Universidade de São Paulo (USP) sob orientação de Eva Blay, grande referência nos estudos sobre mulher e classe no Brasil.

O programa de pós-graduação em antropologia é recente, sendo criado no ano de 2007², a pós-graduação em Ciências Sociais era a única até então na UFBA, apoiada na área de antropologia e sociologia, desde os anos de 1999, quando foi introduzido o doutorado (o mestrado, por sua vez, possui uma história de quarenta anos na instituição) o que demonstra que não existia uma “barreira” acadêmica fixa entre a sociologia e a antropologia na década de 70\80 quando Zahidé Machado era pesquisadora\professora da pós graduação, e, também quando foi aluna da mesma.

Como professora do mestrado, em 1974, Zahide Machado foi responsável pela disciplina “*Sociologia da Família e das relações entre os Sexos*” e essa disciplina pode ser considerada a primeira relacionada sobre a mulher e a condição feminina na Bahia³, além de coordenar importantes projetos como *A família na Bahia no século XIX : status da mulher*, participar do curso de especialização de estudos e pesquisas sobre mulher e educação, *Papeis masculinos e femininos atitudes e estereótipos*, realizado em São Paulo em 1976 na Fundação Carlos Chagas e publicar um artigo, juntamente com Luzinete M., intitulado, “*Mulher, trabalho e discriminação*”, *estudo piloto em Salvador*, no v.1 n.1 da revista das Ciências Humanas.

A sua respeitável contribuição nos estudos sobre mulheres é percebida quando convidada como professora do Seminário com a temática *Mulher, trabalho e ideologia*, na Universidade de Paris em 1981 e apresenta sua comunicação “*Professora primária*,

² Informações retiradas dos sites do PPGA e PPGCS: <https://ppga.ufba.br/historico> e <https://ppgcs.ufba.br/historico>

³ Esse resultado foi encontrado durante a pesquisa que participei e a partir desses primeiros dados que vou dar continuidade no mestrado.

profissão tradicional da mulher brasileira”, em 1968 no XIX Congresso Mexicano de Sociologia.

Além de ter sido diretora do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da UFBA no ano de 1961; assessora e técnica da comissão de implantação da reforma universitária na UFBA que aconteceu nos anos de 1969 e 1970; elaboradora e responsável pela implantação, logo após essa reforma, do novo currículo do curso de Ciências Sociais da UFBA.

O conhecimento produzido sobre e pelas mulheres sempre foi visto como de menor valor, por versar sobre assuntos sem rigor científicos, nem dignos de serem contemplados pela ciência, e além, das críticas relacionadas ao objeto existem ainda as relacionadas de que as mulheres não conseguem agir com neutralidades não conseguindo separar conhecimento de militância, como aponta Elizete Passos (1998).

Ao falar em mulher não se pode pensar como uma categoria homogênea, mas sim relacionada com outros marcadores sociais como raça e classe, a experiência da mulher negra como professora universitária é marcada pela questão de gênero e raça como demonstra Eliana de Oliveira⁴ (2004). Ao escolher as categorias mulheres e gênero para a reflexão teórica da minha pesquisa não posso deixar de pensar sobre outras categorias como raça e classe, já que a trajetória da mulher branca na academia se difere da mulher negra. Sendo assim quais seriam as mulheres que conseguiam acessar o meio acadêmico na época de Zahide Machado Neto e desenvolver pesquisas?

Esse resgate da memória de Zahide começou quando participei da bolsa de iniciação científica “*História do Ensino de Antropologia na Bahia*” orientada no GIRA: *Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação* durante a graduação, e, que será continuada no mestrado.

⁴ A interseccionalidade nos estudos de gênero foi uma questão levantada por autoras do feminismo negro que discordavam de uma vivência única para todas as mulheres, mostrando que outros fatores se tornavam importantes nas relações de gênero, como raça, sexualidade ou geração. Audre Lorde (2009), feminista negra e lésbica, criticou algumas feministas brancas por lutarem por interesses de mulheres de classe média, sem se preocupar com as diferenças de classe e raça. Ela afirmava que por ser negra, socialista e lésbica sabia que a opressão se dava de várias formas, entre elas, a de cor e sexualidade.

Os documentos encontrados no arquivo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, que se localiza no “Casarão”⁵, foram, e, continuam sendo também um dos meus “campos”⁶; demonstrando assim a importância dos arquivos públicos para a prática do trabalho antropológico (Marta Rosales p. 104, 2009), e, no caso específico dessa pesquisa, para os estudos das mulheres.

(Re) pensando a etnografia para a construção da memória de Zahide

Dentro do campo da Antropologia há uma discussão acerca da etnografia, discute-se se esta se resume apenas ao método da antropologia, se podemos diferenciar e separar antropologia (teoria) da etnografia (método) e o que é exatamente uma e como deve ser feita uma boa etnografia.

Para Mariza Peirano (2014), por exemplo, é dispensável essa oposição teoria\empíria, sendo que para a antropóloga a boa etnografia não é método apenas, mas também contribuição teórica, e afirma que “ *a própria teoria se aprimora pelo constante confronto com dados novos, com as novas experiências de campo, resultando em uma invariável bricolagem intelectual.* (PEIRANO, 2014, pag. 381).

A presente pesquisa será realizada a partir de uma compreensão da etnografia como um empreendimento teórico, de ida ao campo com bases teóricas e de análise, e, como método de pesquisa. Entretanto, qual metodologia seria possível em uma etnografia de arquivo; Estratégias e aplicações criativas me ajudarão nesse percurso.

Revisitarei os arquivos da FFCH, que fica sob os cuidados de Marie France, e, farei um novo levantamento para que eu possa trazer dados importantes sobre sua vida e obra acadêmica. Além de visitar o acervo da UFBA pretendo acessar os documentos que estão na USP.

⁵ É uma construção antiga, nomeada assim pelos “nativos” de São Lázaro, que localiza os colegiados de graduações e pós-graduações, alguns grupos de pesquisa e o arquivo.

⁶ As aspas foram utilizadas justamente para demarcar o debate do que caracteriza o campo para a antropologia nos moldes clássicos e de como essa pesquisa será realizada se afastando dessa concepção.

Na “primeira visita” para o mestrado ao setor arquivo eu me dediquei a ouvir Marli⁷ me falar de como em 2010, uma data recente, ao assumir a coordenação, mesmo não sendo da área, se deparou com um local pouco favorável para consultas e permanência, sendo a limpeza e organização responsabilidade sua⁸. Fazendo com que ela procurasse o Núcleo de Gerenciamento de Documentação da Universidade e Arquivo que é formado por profissionais especializados.

Nesse período houve uma limpeza, organização, catalogação, identificação de acordo com o grupo já que os documentos não precisavam de restauração, entretanto, foi somente, em 2012 que a CADE (Coordenação de Arquivo e Documentação) com uma visita técnica estruturou o arquivo da faculdade de filosofia e ciências humanas e a partir de então Marli passou a dar continuidade a organização estruturada por eles de materiais que chegaram posteriormente.

Marli, é formada em Química, me permitiu saber como se deu sua trajetória do ambulatório de farmácia, para a coordenação do PPGCS, e, por fim para o centro de arquivo, por questões de saúde, e isso só se tornou possível justamente por eu compartilhar com ela vivência parecidas no que diz respeito aos seus problemas de saúde de ansiedade, pânico.

E foi justamente essa possibilidade de conhecer a vida pessoal de Marli que me levou a perceber que a sua trajetória, que está diretamente ligada com o “surgimento” do arquivo do FFCH, é importante para compreender sobre a preservação da memória de Zahide, me fazendo chegar à conclusão de que o arquivo não é um lugar “morto”, não dotado de relações sociais, e, sim, um ambiente que possui ligações com a vida social acadêmica.

Sendo assim a chegada de uma funcionária pública com questões de saúde fez com que se criasse um arquivo e o que me pareceu em um primeiro momento uma solidão do indivíduo em uma sala de um prédio antigo passou a ser entendido como um espaço de relação interpessoais, das relações profissionais.

⁷ Usarei um nome fictício nesse primeiro momento por ainda não ter a permissão da mesma para usar o seu nome em trabalhos.

⁸ Os Documentos em si não necessitavam de restauração.

Segundo, Laura Lowenkron e Letícia Ferreira (2014), os documentos passaram a se tornar no contexto moderno artefatos paradigmáticos que definem práticas de conhecimento etnográfico e “nativo” em algumas circunstâncias, e, que, é importante, no entanto que se entenda que o trabalho com documentos envolve fazer uma análise no espaço social no qual o documento é produzido, circulado e arquivado, e, não apenas fazer uma leitura dos seus conteúdos e confiabilidade. Isso possibilita uma visão privilegiada do ato de documentar de olhar como é realizada a documentação, o que significa e quais seus efeitos produz em diferentes contextos.

As autoras vão mencionar ainda a postura epistemológica, *Against the grain*, proporcionou abordagens críticas e imaginativas objetivando escavar vozes subalternas e silenciadas, resgatar ações ou agências, percepções e pequenos gestos de resistências promovendo uma “insurreição de conhecimentos subjugados” e, que também, em vez de uma perspectiva “vitimizadora”, sugere dar voz as experiências das pessoas, possibilitando confrontar os discursos hegemônicos.

A concepção teórica sobre os documentos vai me ajudar na reflexão de qual era o lugar de Zahide como pesquisadora para a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, e, como as mulheres apareciam em suas obras, mesmo quando aparentemente não havia a preocupação com a categoria “mulher” como é o caso do seu livro *“Estruturas sociais dos dois nordestes na obra literária de José Lins do Rêgo”* de 1971.

Trago aqui outro momento do início dessa minha pesquisa e que será importante para pensar a ideia de “seguir o papel” de Laura Lowenkron e Letícia Ferreira (2014), só que nesse caso o “papel” seria uma placa que entendo como uma forma de documentação.

Ao entrar para a aula, de metodologia, oferecida pelo programa de pós graduação em antropologia, no dia 03\05\2018, em meio a uma discussão sobre o texto de Bruno Latour, olhei para a parede da sala que se localizava do outro lado da mesa redonda que eu estava sentada, quando percebi que o nome da sala é Zahide Machado Neto, nesse momento comecei a me questionar quantos dos meus colegas ali que cursaram Ciências Sociais na UFBA saberiam quem é ela e quais foram suas contribuições para aquela instituição ;

O que despertou o interesse por buscar informações referente a placa da sala de aula, de como, quando e o porquê de uma placa como o nome e para homenagear Zahide Machado foi colocada ali, o que me permite chegar a questões como: quando e por

quem foi tomada essa decisão se houve conflitos, o que me permite fazer uma antropologia do objeto documental que para Flávio da Silveira (2005) “*acenaria, dessa maneira, para o objeto e sua dinâmica social, considerando a circularidade e a “alma nas coisas” junto às formas sociais que as engendram e dinamizam. Nesses termos, o papel da mediação se configura como o caminho mais profícuo para evitar o congelamento do objeto e o isolamento da cultura na ação*”.

O percurso de uma perspectiva pessoal e sua relação com Zahidé Machado Neto.

Justamente por ser uma mulher feminista mestranda pela Universidade Federal da Bahia, que desenvolverei uma escrita em primeira pessoa por objetivar ter a autoetnografia o método norteador da pesquisa através do olhar de Silvio Matheus Santos (2017):

“Assim posto, o que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido, etc.). Dito de outra maneira, o que se destaca nesse método é a importância da narrativa pessoal e das experiências dos sujeitos e autores

das pesquisas, o fato de pensar o papel político do autor em relação ao tema, a influência desse autor nas escolhas e direcionamentos investigativos e seus possíveis avanços. (SANTOS, pag.219, 2017).

Minha vivência como pesquisadora feministas relacionado com a vida e obra de Zahide Machado Neto viabiliza traçar uma linha histórica dos estudos sobre as mulheres na Bahia, uma perspectiva atual e outra da década de 70, assim, como, também concede informações sobre o lugar ocupado pelas mulheres na Ciências Sociais nesses dois momentos. Dessa maneira buscarei desenvolver a ideia de quantas “pequenas Zahidé” dão voz e são uma “história viva” da trajetória dessa pesquisadora, como, é o meu caso, por exemplo, saindo dessa concepção de um passado morto e buscando refletir o passado\presente\futuro imbricados.

Graduada em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, com ênfase em antropologia, ao longo do curso me debrucei nos estudos de gênero e feminismos, cursando algumas matérias e participando de pesquisas científicas como bolsista. Como estudante do curso de Ciências Sociais da UFBA tive meu primeiro contato com os estudos sobre gênero em uma disciplina de antropologia do parentesco. No primeiro momento foi dado o clássico sobre os estudos de parentesco, já no segundo, sobre teorias de gênero e estudos sobre as mulheres e parentesco.

Sentindo uma falta do debate sobre mulher e gênero nas aulas de antropologia pelo curso de Ciências Sociais, resolvi cursar as disciplinas *Introdução aos Estudos de Gênero* e *Antropologia do Gênero* (disciplina que mais tarde viria a ser monitora sob orientação de Felipe Martins) disponibilizadas pela graduação em estudos de gênero do NEIM. Como bolsista da professora Laila Rosa por mais de um ano pesquisei sobre mulheres, feminismo, interseccionalidade, sexualidade e música com o projeto de pesquisa: *Feminaria musical I: o que (não) se produz nos bancos de dados de teses e dissertações (BDTD) das universidades brasileiras.*

Durante essa minha trajetória o contato com as teorias sobre os estudos das mulheres, gênero, feminismo foi aprofundado, entretanto em nenhum momento eu me debrucei a

estudar\buscar sobre a origem dos estudos das mulheres na UFBA; eu só foi se tornar possível através da pesquisa *História do ensino da Antropologia na Bahia* que me aproximou da obra e vida de Zahidé Machado Neto, socióloga\ antropóloga que iniciou os estudos sobre mulheres na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, e que conjuntamente com o *Gira*, revisitamos a sua história com o desejo de reescrever a sua história e evidenciar sua importância nos estudos sobre as mulheres e no feminismo.

A pesquisa histórica em si começou com a leitura de livros históricos sobre a antropologia na Bahia. Como, por exemplo, “*A antropologia brasileira*” (1952), do autor Estevão Pinto, “*Pesquisa etnológica na Bahia*” do autor norte-americano com doutorado na Universidade de Coimbra, Mellville J. Herkovitz, “*Ensaio de Antropologia Brasileira*” de Edgard Roquette-Pinto (1933), “*Ensaio de Antropologia*” de Thales de Azevedo (1959). E foi durante essas leituras que nos⁹ deparamos com Zahidé Machado que possuía parceria com seu marido Luís Machado Neto no livro “*Introdução à Sociologia Básica*”.

Por percebermos que ao longo das leituras dos clássicos não havia nenhuma socióloga\antropóloga mulher e que a única que apareceu era em coautoria com o marido sociólogo fez com que nos questionássemos sobre a presença das mulheres no pensamento antropológico na Bahia e qual a importância e papel dessas pesquisadoras para as ciências humanas e sociais. A partir de então decidi juntamente com o orientador que a pesquisa teria como objetivo resgatar a presença feminina na produção de conhecimento da antropologia e ciências sociais na UFBA, começando por Zahide Machado¹⁰.

Como estagiária do Museu de Arqueologia da UFBA eu estive em contato com Pedro Agostinho, Valentin Calderón, e, também, ao longo da minha trajetória acadêmica, participei do seminário “*Relendo Thales de Azevedo*” que tinha como objetivo rever a obra e pensamento do intelectual e que aconteceu no ano de 2015, porém, por entender que esses pensadores possuem sua memória resgatada é que não irei me dedicar a fazer

⁹ Coloquei na primeira pessoa do plural porque não apenas eu, mas as outras duas bolsistas perceberam que a única mulher que apareceu no pensamento clássico era Zahide e como segunda autora, como se estivesse à sombra do seu marido.

¹⁰ A sociologia passou a ser um problema da pesquisa por causa de Zahide, que era uma socióloga e não exatamente antropóloga.

um panorama sobre seus pensamentos, e, sim, sobre Zahíde Machado demarcando a minha posicionalidade.

A posicionalidade etnográfica é um fator determinante para as epistemologias feministas, tendo em vista o gênero como um demarcador condicionante da experiência de campo e na produção de conhecimentos que deve ser articulado com outros marcadores sociais, e sendo necessário reconhecer a relação de poder entre pesquisador e pesquisado e as mudanças de posições entre os sujeitos implicados. Para Saderberg (2014) esse seria um ponto de partida para se pensar a etnografia feminista, entretanto ela nos diz que entre as antropólogas feministas existe uma discussão em torno da possibilidade dessa “etnografia feminista”.

Os estudos sobre mulheres e gênero no Brasil corresponde ao início do movimento feminista no país nas décadas de 70\80 e a luta contra a ditadura. E é nesse contexto histórico que Zahíde se encontra enquanto professora, pesquisadora e militante pelos direitos das mulheres, pela anistia dos presos políticos e pelo voto direto, foi membro do PTB e posteriormente PMDB.

Nesse contexto que a autora escreve textos como *O Que menina 'pode' e 'deve' fazer: o papel da criança do sexo feminino na divisão do trabalho da família urbana* e *Meninos Trabalhadores*, tendo este último, como o ponto primordial o trabalho infantil e como este se torna essencial para a sobrevivência do grupo familiar, e que essa dependência dos trabalhos das crianças varia de acordo com as necessidades das famílias. Para realização dessa pesquisa foi observado meninos entre dez e a dezessete anos, com alguns casos de sete e oito anos, em bairros periféricos de Salvador.

Apesar de Zahidé ter se debruçado principalmente ao trabalho dos meninos na comercialização dos produtos do trabalho das suas mães, irmãs e outras mulheres, a pesquisadora não deixou de se preocupar com o lugar das meninas nessa rede de trabalho familiar, e pode perceber que existia uma diferença com relação aos trabalhos realizados pelas crianças de acordo com o sexo e a idade. As meninas se ocupavam mais da produção e dos cuidados da casa do que os meninos, mesmo quando tinham que trabalhar fora de casa. Enquanto os meninos se ocupam mais das atividades fora e se distanciam mais novos da casa do que as meninas.

Outra diferença resultante da idade e do sexo é que as mulheres mais novas se sobrecarregam mais do que os meninos e na adolescência a cobrança em cima das

meninas para uma participação na renda familiar é maior do que com os meninos. Mas, essa diferença entre os sexos das crianças e sua colaboração na renda familiar não foi a única preocupação levantada pela autora no texto no que diz respeito às mulheres. Ao expor que as famílias de mulheres, aquelas que não existe uma figura de homem, as crianças são incentivadas a trabalhar para auxiliar a mãe tanto no trabalho doméstico, como na rua ganhando dinheiro mais cedo, e as distinções o que é trabalho de menino e menina são menos enfatizadas.

Discussões como essas, realizadas por Zahide, que são pertinentes para os estudos sobre mulheres, e que foram “esquecidas” na história da Ciências Sociais e dos estudos feministas, merecem ser reavidos para que sua contribuição tanto referente a sua obra intelectual, como sua participação pessoal dentro da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas não se perca no tempo, e, pessoalmente, esse contato me fez compreender a relevância em reaver a história do estudo das mulheres na Bahia, e, suas personagens principais, para um resgate das nossas histórias, pois eu acredito que quem não tem memória estar morto por dentro.

Referências Bibliográficas:

FRANCHETTO, B; CAVALCANTI, M. Laura V. C; HEILBORN, Maria Luiza. Antropologia e feminismo. Perspectivas Antropológicas da Mulher. V. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

LOWENKRON, Laura; FERREIRA, Letícia Carvalho de Mesquita. “Anthropological perspectives on documents: ethnographic dialogues on the trail of police papers”. *Vibrant*, v. 11, n. 2, 2014.

OLIVEIRA, Eliana de. **Mulher Negra Professora Universitária: trajetória, conflitos e identidades**. 2004. 146 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, USP/FFLCH, São Paulo, 2004.

PASSOS, Elisete. Impacto da Perspectiva de Gênero e dos Estudos sobre a Mulher na Universidade Federal da Bahia. In: PASSOS, Elisete; ALVES, Ívia; MACÊDO, Márcia. **Metamorfoses: gênero nas perspectivas interdisciplinares**. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1998.

Peirano, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul. /dez. 2014

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Plural*, São Paulo, v. 24, n. 1, p.214-241, jan. 2017.

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. Revisitando o campo: Autocrítica de uma antropóloga feminista. *Mora*, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, v. 20, n. 1, agosto 2014.

Rosales, M. V. (2016). De que falam as coisas em trânsito? Registrar a materialidade quotidiana em contextos migratórios. In S. V. de Almeida & R. A. Cachado (Eds.), *Os Arquivos dos Antropólogos*, pp. 101-108. Lisboa: Palavrão, Associação Cultural

SCHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: Edusc, 2001

SILVEIRA, Flavio Leonel Abreu da. Por uma antropologia do objeto documental: entre " a alma nas coisas" e a coisificação do objeto. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 23, p.37-50, jan./jun. 2005.

